

# Patrimônio etnobotânico: a feira livre

*Meg Stalcup\**

## Resumo

O trabalho analisa o patrimônio etnobotânico da feira livre, com base em um estudo feito no bairro da Tijuca, na cidade do Rio de Janeiro. Durante dois anos de trabalho de campo com quatro ervatários, que tinham média de 15 anos de experiência, foram coletados plantas e dados sobre nomes vulgares, usos e o preparo dos remédios. A coleta resultou em 151 espécies distribuídas em 59 famílias, de procedência diversa: comprada de terceiros, cultivada nos jardins particulares dos vendedores, ruderal, e coletada da Mata Atlântica (40%). Analisa-se o papel das plantas na saúde e na vida religiosa das pessoas do bairro, o conhecimento dos ervatários e a coleta das plantas da Mata Atlântica.

**Palavras-chave:** Feiras-livres. Etnobotânica. Religiosidade.

## Introdução

As feiras barulhentas e coloridas, com o cheiro de peixe que demora-se no ar, fazem parte do cotidiano carioca. O grito do vendedor com rosto um pouco lúgubre, resultante talvez do cansaço de quem chega ainda na calada da madrugada para arrumar sua barraca, chama os fregueses a comprar as frutas douradas e hortaliças frescas. Os montinhos de especiarias espiam o mundo de sacos brancos, ao lado das colheres de madeira, adaptadores de tomada elétrica e pequenos imãs na forma do turbante de Carmen Miranda. Na feira, encontra-se um pouco de tudo, a poucos metros da sua porta.

Na periferia dos galinheiros e da kombi do pastel e caldo-de-cana, ou de vez em quando com uma tábua baixinha encostada em uma parede no meio da muvuca comercial, encontra-se outro tipo de feirante. Suas mesas precárias são cobertas por densa mata folhosa, indistinguível ao olho do passante comum, e oferecem o perfume verde das pilhas de ervas como remédio para corpo e alma. Aqui os ervatários vendem a promessa de alívio para a perna inflamada e o peito encatarrado, e também para a depressão e o quebranto.

As plantas de todos os tipos e de diversas origens apresentam aos moradores do bairro uma alternativa à medicina convencional. A grande procura pelas ervas pode ser interpretada como uma preferência pela cura natural e a sabedoria caseira, evidência da força das religiões afro-brasileiras, ou simplesmente um tratamento acessível em comparação aos elevados preços dos remédios industrializados. Independente das razões, os ervatários e seus produtos preenchem um espaço verdadeiro na vida, na cultura e no imaginário brasileiro.

Para Pierre Bourdieu (1977), o espaço não tem sentido separado da prática; o sistema de disposições generativas e que estruturam, ou *habitus*, constitui e é constituída pelo movimento dos atores no espaço. As práticas sociais não são fixas no espaço, mas são invocadas pelos atores, homens e mulheres, que trazem seu próprio conhecimento discursivo e as intenções estratégicas para a interpretação dos significados especiais. Ao mesmo tempo, elas não ocorrem somente

no espaço, mas se desenvolvem junto a ele – por causa do espaço que lhes influenciam – e são específicas e próprias do lugar. As práticas ativam os significados sociais.

Este trabalho explora algumas das práticas relacionadas às plantas de uso medicinal e ritual em uma feira livre do Rio de Janeiro. A feira semanal é criada no tempo e no espaço da rua através de transações com pessoas e plantas. Uma transação é uma atividade comunicativa que pode envolver seres animados e inanimados; o que a define é como as partes se afetam ou influenciam reciprocamente uma a outra. Assim, a transação pode significar a mudança de uma pessoa, coisa ou estado para outra pessoa, coisa ou estado. Esta transformação mútua ocorre claramente tanto para a pessoa quanto para a planta quando se compra plantas para uso medicinal ou ritual. Existe a transação econômica, que é a compra e venda de plantas, em que maços de folhas verdes, cascas retorcidas e flores perfumadas são transformadas em potencialidades terapêuticas. Dentro desta transação há uma outra, a comodificação do conhecimento dos ervatários sobre a identificação, nome popular, venda e, até certo ponto, o uso das plantas. O ato de transformar algo num *commodity* é geralmente visto como uma atividade econômica, mas o espaço específico da feira revela que tal ato não pode ser separado do social.

Após a apresentação dos aspectos naturais e culturais relevantes desta pesquisa, este artigo se concentra em como as interações entre poder, conhecimento e lugar se manifestam na feira livre, fenômeno cultural e econômico, que faz parte do patrimônio brasileiro, e, de fato, humano. A maneira em que as ervas e o conhecimento foram transformados em *commodities* refletiram os discursos regionais, brasileiros e globais sobre a medicina natural e a saúde. A feira livre é resultado da combinação do ambiente da floresta de onde os espécimes foram coletados, o ambiente da rua em um bairro do Rio de Janeiro e o meio ambiente social onde noções da natureza, tradição, espiritualidade, medicina popular e biomedicina se misturam com a realidade das mudanças da sociedade brasileira, e a disparidade social, ainda marcante. Os vendedores de ervas medicinais e religiosas vêm de grupos sociais marginalizados, mas os materiais

botânicos oferecidos à venda, e o presumível conhecimento das espécies e os usos, inverte, até certo ponto, as relações dominantes de poder. Porém, os vendedores também estão sujeitos às atitudes de classe e etnia que invariavelmente são expressas na feira, e afinal eles são dependentes economicamente nas decisões de compra dos seus fregueses.

## **Métodos**

As ideias aqui apresentadas surgem de um levantamento etnobotânico realizado de setembro de 1998 ao início de 2000, e um acompanhamento realizado em 2003 (STALCUP, 2000). Inerente a este tipo de trabalho, resultante de uma parceria entre o pesquisador e o participante, é a responsabilidade de contribuir com a comunidade, dando um retorno para as informações que foram concedidas. Durante a pesquisa, ficou estabelecido que, em troca do tempo e das plantas dos ervatários, me disporia a fotografá-los e seus familiares, para subseqüentemente fornecer-lhes os retratos, e também entreguei cópias do trabalho aos ervatários.

A feira ocorreu toda quarta-feira em uma rua residencial do bairro da Tijuca. Frutas, legumes, peixes, produtos avícolas e outros itens de cozinha e casa foram vendidos por vendedores devidamente licenciados, e geralmente tinham quatro a sete ervatários, que alugaram seus tabuleiros de madeira do mesmo organizador, mas que conseguiram passar despercebidos pela fiscalização do governo. Embora tenha anotações sobre o que foi dito, entrevistas formais não foram feitas. O procedimento normal era chegar de manhã cedo, examinar os tabuleiros e perguntar que plantas tinham aquele dia, para depois coletar e fotografar as amostras, que eu etiquetava para indicar onde e de quem o espécime tinha sido coletado. Os dados incluíam os nomes populares, o uso medicinal e ritual, e o preparo. Embora um determinado espécime fosse adquirido de um ervatário particular, a discussão envolvia os outros vendedores e fregueses que por acaso estivessem nas proximidades, comprando ou falando sobre ervas.

Dos quatro ervatários com quem trabalhei, um vivia em uma favela da Tijuca e os outros viajavam cerca de duas horas, vindo da Baixada Fluminense. Três eram mulheres e um era homem. Todos aprenderam sobre plantas com parentes por parte de mãe que vieram de Espírito Santo ou Minas Gerais há uma ou duas gerações. Os quatro ervatários compraram ervas aromáticas comuns, porém introduzidas, como o manjeriço, da Central Estadual de Armazenamento (CEASA), mas também cultivavam algumas das ervas, e colhiam outras que brotavam espontaneamente nas áreas degradadas perto das suas moradias. Uma grande porcentagem das espécies à venda era fruto de tempo gasto na procura da sua mercadoria em áreas remanescentes da Mata Atlântica na Baixada Fluminense e no Parque Nacional da Floresta da Tijuca. As ervas aromáticas introduzidas compunham o grupo de plantas mais procurado para compra, mas a diversidade notável das espécies expostas era resultado da extração de plantas nativas encontradas na Mata Atlântica. Estas perfaziam um total de 40% das 151 espécies coletadas para a pesquisa. As espécies silvestres não requeriam um investimento de capital, o que era importante, embora sua coleta exigisse um gasto considerável de tempo e fosse considerada um risco para as ervatárias fazerem sozinhas, necessitando, assim, da companhia de um parente do sexo masculino nas expedições.

O maior número de plantas, 68%, eram para uso exclusivamente medicinal, 13% eram usados em rituais e os 19% restantes tinham utilidades múltiplas. Além do uso medicinal e ritual, os ervatários contaram que seus fregueses compravam as plantas para fazer simpatias. Os ervatários não indicavam nenhuma espécie para o uso em simpatias, mas comentavam que este uso representava um fator significativo nas vendas.

## **Memória: caracterização e breve histórico do local de pesquisa**

O bairro da Tijuca é descrito, mesmo pelos poetas, como sendo “um bairro de classe média colado ao centro da cidade do Rio

de Janeiro” (VELOSO, 1997, p. 45) e os moradores citam entre os atributos seu aspecto residencial, suas ruas arborizadas e seus numerosos supermercados. Esse baluarte da burguesia, com nome de origem tupi – *ty-iuc* – que significa “terreno cheio de lama”, pertencia à antiga fazenda dos Jesuítas no século XVIII. Os Jesuítas concederam terrenos para cultivo a particulares, e com o decreto de expulsão da Companhia de Jesus do Brasil, em 1759, esses sítios e chácaras, em regra de grande tamanho, foram vendidos (IMBIRIBA, 1999a, p. 6). No final do século apareceram as primeiras grandes plantações de café no Rio, com muito sucesso na Tijuca, mas “[...] tal exploração imprópria e predatória da região foi determinante no declínio rápido da produtividade da terra e na decadência dos cafezais, ainda na primeira metade do século XIX.” (IMBIRIBA, 1999b, p. 7).

Em 1835, a área passou a ser reconhecida como freguesia urbana, e começou a ser povoada por ricos comerciantes; a Tijuca era marcada por seus lindos solares até a segunda metade daquele século, quando apareceram pequenos núcleos de habitação. Esse padrão de desenvolvimento continuou durante mais de cem anos, com gradual adensamento da população, mas a mesma reputação de dinheiro e respeitabilidade até meados dos anos 1970, quando o narcotráfico e o aumento na violência fizeram com que o adjetivo “nobre”, comumente aplicado ao bairro, se tornasse parte do passado.

Mesmo assim, a Tijuca ainda pode ser caracterizada como sendo de classe média e classe média alta. Nos últimos anos observou-se a multiplicação dos supermercados e a substituição dos cinemas por igrejas, mas no geral preserva as características de um bairro residencial entrelaçado por áreas comerciais, com uma feira livre em alguma rua todos os dias da semana.

## **Locais de coleta**

Das espécies obtidas na feira, 40% foram deste ambiente chamado de Mata Atlântica. As plantas eram retiradas do Parque Nacional da Tijuca, ou da área de Piabetá, distrito Vila Inhomirim, ou dos remanescentes da floresta próximos às moradias dos ervatários. A

história destes lugares é de longa interação com o homem, o que influi na composição florística e conseqüentemente no valor do lugar como área de coleta de plantas medicinais ou de uso ritual.

A área como a conhecemos hoje começou com sua quase total desfiguração no início do século XIX quando se iniciou o plantio na Serra da Tijuca. Em 1810, o Conde Aymar Marie Jacques Gestas começou a cultivar o café e a cana-de-açúcar em suas terras na Fazenda da Boa Vista, e junto com as plantações de outros estrangeiros e brasileiros que seguiram nos seus passos de sucesso, resultou em vasto desflorestamento. Essa destruição coincidiu com a chegada de D. João VI, que resultou em um súbito povoamento da cidade do Rio de Janeiro, e em um aumento proporcional na demanda por água. A opinião pública estava convencida de que as repetidas crises de abastecimento de água, que abalaram a cidade a partir de 1840, eram conseqüências da ocupação das Serras de Tijuca e Carioca. Em vista disso, em 1850 a área foi designada Floresta Nacional, e em 1861 a portaria n. 577 dava instruções provisórias para o replantio e conservação das florestas da Tijuca e Paineiras, com o Major Manuel Gomez Archer como administrador.

Quando o Major iniciou seu trabalho, encontravam-se apenas 16.075 árvores no local. Ciente da importância da silvicultura de valiosas madeiras nativas, o Major “[...] dava preferência à vegetação originária de Mata Atlântica, cujas mudas ele buscava em seu sítio em Guaratiba ou na região das Paineiras, que não se encontrava tão devastada [...]”, salvando a floresta de se transformar em uma plantação de eucalipto (MENEZES, 1996, p. 86). Ele plantou oitenta mil árvores, das quais 45.777 vingaram.

O próximo administrador, o Tenete-Coronel do Exército Gastão d’Escragnolle, tinha menor apreço pelos recursos nacionais, implantando 35 mil mudas “[...] escolhidas pelo critério único da beleza, tais como o eucalipto e a dracena.” (MENEZES, 1996, p. 88). Destas, 21.489 vingaram. O processo de reflorestamento ainda passou pelas mãos de vários outros administradores depois de d’Escragnolle, até cessar completamente em 1907, deixando a floresta continuar sua recuperação sozinha. Em 1961, a área foi elevada a Parque Nacional,

e em 1991 passou a ser considerada Reserva da Biosfera.

Outro local de coleta era Piabetá, situada no município de Magé. A história deste município está relacionada com o ciclo destrutivo de cana-de-açúcar, iniciado em 1565, quando o português Cristóvão de Barros recebeu uma sesmaria, instalando um engenho na região. Contudo, Magé contém relativamente grandes remanescentes de Mata Atlântica. Com 376 quilômetros quadrados e somente 350 mil habitantes, há áreas descritas pelos ervatários como sendo “mata fechada”, “região serrana” e “brejo”. De acordo com o comentário anterior, as excursões de coleta, feitas uma ou duas vezes por semana, não eram consideradas muito seguras.

## Identidade

As ervas parecem a oferecer a possibilidade de manter ou melhorar o bemestar do indivíduo, seja no domínio físico, seja no espiritual, ou nos dois. A medicina popular corresponde ao conjunto de práticas empregado pelo povo na utilização dos recursos naturais como forma de tratamento e cura de doenças (DI STASI, 1995, p. 18). No Brasil, esta sabedoria se baseia em um conhecimento empírico europeu, africano e indígena, formando uma extensa farmacopeia oral que aproveita a vasta diversidade taxonômica botânica do país junto com espécies exóticas. As curas tradicionais são de suprema importância quando se constata que no Brasil “[...] 20% de nossa população consome 63% dos medicamentos disponíveis e o restante encontra nos produtos de origem natural, especialmente nas plantas medicinais, a única fonte de recurso terapêutico.” (DI STASI, 1995, p. 12).

Embora a dependência das ervas provavelmente diminua em um ambiente urbano, como na cidade do Rio de Janeiro, os remédios industrializados, em grande parte resultantes da experiência milenar da raça humana, ainda permanecem fora do alcance regular da maioria, inclusive dos ervatários. Consequentemente, eles, cujo conhecimento vem de uma longa tradição oral, retêm por necessidade uma sabedoria cultural, a medicina popular, da qual se utilizam para ganhar o seu sustento.



Os fregueses da feira, por outro lado, têm condições financeiras adequadas para comprar remédios na farmácia, de acordo com a condição socioeconômica do bairro. A utilização da medicina popular pode evidenciar pressões econômicas temporárias, como a súbita inflação dos remédios, ou uma preferência pelo tratamento alternativo, ao menos quando os sintomas se apresentam dentro de um determinado quadro – não muito sérios ou resistentes às tentativas da medicina erudita.

Um elemento da opção pelas ervas é a percepção, não sempre correta, de que elas oferecem uma alternativa benigna. “A planta não mata”, como disse uma balconista de farmácia de ervas industrializadas em Nova Iguaçu (LOYOLA, 1983, p. 38). Seu emprego satisfaz o desejo de tratar a doença, mas de uma forma vista como natural, sem os efeitos colaterais dos fortes remédios industrializados. Contudo, as plantas vendidas na feira podem ser tóxicas, especialmente se preparadas incorretamente ou tomadas na dosagem errada.

Das indicações de uso encontradas na pesquisa, muitos foram para banho ritual, o que se refere às cerimônias de diversas religiões afro-brasileiras, geralmente candomblé e umbanda. Não cabe a esta redação se aprofundar nos detalhes das cerimônias, nem dos sistemas religiosos em si. Contudo, estas plantas fazem parte do complexo cultural-médico de um segmento da população; por meio da sua utilização nas obrigações religiosas e nas cerimônias de cura se mantém o equilíbrio da vida. “As ervas... são um elemento constitutivo de sua cosmogonia, de seu sistema explicativo e classificatório, de sua teoria dos orixás [as divindades].” (LOYOLA, 1983, p. 62).

A base comum das religiões afro-brasileiras é o culto aos espíritos, em que o fenômeno da possessão tem um papel preponderante. Guardada as suas singularidades, a cosmovisão geral é de que “a existência se processasse simultaneamente em dois planos” (LOYOLA, 1983, p. 62-63). Entre o mundo comum, e o outro, espiritual e abstrato, há uma relação dinâmica; no que se refere à saúde, “[...] os pais e mães-de-santo atuam como intermediários

entre os pacientes e os orixás, que são os verdadeiros detentores dos conhecimentos médicos.” (LOYOLA, 1983, p. 62-63). No candomblé “[...] existe um sistema de correspondência entre uma divindade, uma parte do corpo humano e determinada planta curativa e, enfim, entre esta planta e o orixá correspondente.” Enquanto que, na umbanda, também existem as analogias entre as plantas e as divindades, “[...] eles procuram, via de regra, determinar primeiro se as causas do mal têm origem material ou espiritual.” O tratamento que se segue pode combinar os dois mundos, como um banho curativo sugerido por um espírito. Dentro desta visão, as doenças refletem a relação do indivíduo com o sobrenatural ou com a sociedade. Em relação ao sobrenatural, “[...] a doença pode resultar da violação de tabus ou de preceitos religiosos, do fato do axé do indivíduo estar fraco, ou até mesmo de uma mediunidade não desenvolvida (*doença-de-santo*).” Outras moléstias “[...] ocorrem quando o doente é perseguido ou possuído por um espírito infeliz em busca de ascensão espiritual (*doença-de-encosto*).” (LOYOLA, 1983, p. 63).

Na sociedade, a relação que o indivíduo mantém com pessoas que o veem com desconfiança ou hostilidade pode efetuar o mal-estar. “São as doenças provocadas pela força negativa de um olhar ou de um sentimento (*doença-de-mau-olhado*) e as que resultam da ação maléfica – feitiçaria ou magia – praticada por um intermediário, que atua no lugar de quem lhe deseja o mal (*doença-de-coisa-feita*).” (LOYOLA, 1983, p. 63). É para curar os doentes de mau-olhado que se aplica o banho de descarrego, e é com o termo genérico “para banho” que os ervatários se referem a todas as ervas de uso ritual. No entanto, as ervas servem de outras formas não elaboradas pelos informantes, conforme indica a literatura (BARROS, 1993; CAMARGO, 1988; SILVA, 1993; VARELLA, 1973).

O emprego das ervas é dividido por Silva (1993) entre as funções práticas espirituais e as curas espirituais. Barros acrescenta que as ervas são usadas no preparo de “[...] *amaci* – banhos destinados a induzir bem-estar – nos quais somente são empregados ‘folhas verdes,’ recém-coletadas, maceradas e imediatamente usadas.” Ademais, fazem parte da feitura de santo, o que ele define como “a

reconstrução do que está explícito nos mitos”, em que os vegetais são “mediadores entre a essência (elementos naturais), o modelo (*orixá*) e o indivíduo que está se construindo socialmente.” (BARROS, 1993, p. 81).

Os ervatários atribuíram a venda da sua mercadoria mesmo quando era de se imaginar que o movimento diminuísse (no período em que não havia surto de gripe, por exemplo), como sendo resultante da procura de ervas para ‘simpatias’. A simpatia é uma maneira ritual de pedir, ou forçar, poderes ocultos a satisfazerem uma vontade. Distingue-se pelo fato de não exigir uma pessoa especial ou com conhecimento avançado, mas pode ser usada “[...] pelas pessoas em geral, para evitar o mal e alcançar o bem, mudando o curso dos acontecimentos.” (NERY, 2006, p. 9). Porém, ela é receitada e oferecida pelas benzedadeiras, isto é, profissionais do sagrado (CALVELLI, 2011).

Enquanto existem simpatias para arrumar trabalho, ter sorte no amor, corrigir o nariz torto e tudo mais, apenas as “simpatias que curam” e os banhos de cheiro incorporam as plantas como elemento constante e crítico à eficácia. As receitas pedem espécies medicinais, rituais ou as que podem ser consideradas como pertencendo a ambas as categorias, e eliminam totalmente a delimitação, frequentemente já tênue, entre a medicina e a religião. A fé na sua eficácia é o fator essencial, independente de a quem (o deus católico, espíritos, santos etc.) o apelo é feito; é necessário acreditar nas forças ocultas para que os resultados concretos aconteçam. Segundo um ditado esotérico, “[...] é como as folhas balançando ao sabor do vento. As folhas você vê, mas o vento não. A simpatia é como o vento que balança as folhas.”

## **Patrimônio: a feira livre**

As ervas encontradas na feira são destinadas a tratamentos preventivos e curativos utilizados pelos moradores da Tijuca, ambos no campo físico e espiritual. Do número de ervatários observados e da grande quantidade de ervas disponíveis podemos inferir que uma quantidade significativa da população aproveita este recurso. Sugerimos que há diversos fatores contribuindo para a popularidade

das ervas: o comportamento dos fregueses em relação à saúde e doença; uma tendência a romantizar as plantas e considerá-las seguras; o hábito de automedicação; a situação econômica que favorece a opção pelos tratamentos de preço mais acessível que as plantas apresentam; e modificações nos costumes das religiões afro-brasileiras.

O Brasil é o quarto mercado de medicamentos no mundo (WEISE, 2012), apesar de ocupar o 54º lugar em renda *per capita* (Fundo Monetário Internacional, 2012). Greenfield (1987, p. 1105) comenta:

[...] a preocupação com a doença é endêmica no Brasil. Qualquer um que passe um tempo lá, e venha a conhecer os brasileiros, não importa sua classe social nem região nativa, se torna consciente de que, no geral, as pessoas estão doentes, acreditam que estão doentes, temem que logo ficarão doentes, ou estão muito envolvidas com a doença de um amigo ou parente.

Sendo a feira situada num bairro de classe média, onde moram pessoas com um poder aquisitivo adequado para se alimentar corretamente, e que se disponibilizam dos cuidados preventivos e da tecnologia médica existente, a grande procura pelas plantas pode ser representativa de uma procura por tratamento em geral. Outro fator é sugerido por um estudo que indica que o livre acesso à saúde no Brasil esbarra nos altos preços dos medicamentos, “[...] principalmente no que diz respeito às chamadas ‘doenças da civilização’, como enfermidades cardíacas e circulatórias, câncer ou diabetes, cujo tratamento depende muitas vezes de medicamentos de preços elevado.” (WEISE, 2012).

A compra de plantas para uso medicinal ou para simpatias é de certa forma equivalente à compra de remédios sem receita, ou o uso de medicações antigas, no sentido que é automedicação. Existe uma tendência de analisar sintomas socialmente, receitar remédios entre conhecidos, e, enfim, tratar-se sem o auxílio de um profissional da área médica. Enquanto este comportamento é mais comum entre os indivíduos com menor poder aquisitivo, é também observado entre as classes abastadas. A automedicação se limita, nesta

interpretação, aos fregueses que compram plantas medicinais para remédios autorreceitados ou para as simpatias (que por definição são feitas pelos leigos). A ampla aceitação dos tratamentos naturais como inofensivos favorece seu uso na automedicação e, portanto, a popularidade da opção pelas plantas.

A feira é também sustentada pelo prestígio romântico concedido às plantas medicinais. Amorozo (1996, p. 56) observa sucintamente que

[...] uma tendência, entre a população urbana medianamente educada, a uma supervalorização, às vezes sem qualquer embasamento científico, de facetas deste modo de vida mais 'natural', identificado com o destas populações. Isto é notório no uso de plantas para fins curativos.

Porém, isso não explica completamente a escolha das ervas como a forma de tratamento. Decerto que uma percentagem dos fregueses opta pela medicina alternativa por considerá-la mais natural, mas, a partir disso, a opção pela feira ao invés de uma farmácia homeopática implica em outras razões.

Outro fator significativo parece estar relacionado às plantas usadas em rituais; sem poder quantificar a importância das simpatias, a percentagem das plantas de uso em rituais afro-brasileiros encontrada nas mesas e conversas informais com os fregueses indicaram que os devotos utilizam o recurso da feira. Na teoria, as plantas de uso no candomblé e umbanda teriam de ser coletadas especificamente para este propósito e por pessoas qualificadas. Porém, há ampla evidência na literatura que a prática não ocorre sempre desta forma. Bastide (1973, p. 170) observa que

[...] as ervas que servem para a lavagem também não podem ser arrancadas de qualquer maneira e em qualquer lugar; existe o rito da 'colheita' (embora, ao que nos pareça, ele nem sempre seja seguido na Bahia, devido à facilidade de encontrar as ervas nos erveiros).

Barros, no seu livro sobre os sistemas de classificação de vegetais no Candomblé Jê-je-Nago, confirma este papel atual dos ervatários

vinculados ou não com as Casas de Culto dizendo que “[...] são independentes, prestam serviços e vendem mercadorias às diferentes comunidades religiosas, e este conhecimento processa-se de maneira transgeracional.” (BARROS, 1993, p. 57). Sua observação corrobora o que foi visto na feira e com as declarações dos informantes. Ele acrescenta que a compra das ervas sagradas é funcional em parte porque os ervatários compartilham a mesma cosmovisão que os religiosos, e que “[...] embora tenha ocorrido uma redefinição de papéis historicamente demonstráveis, esta não alterou profundamente o quadro das representações do grupo nem a relevância da relação homem/vegetal.” (BARROS, 1993, p. 58).

Quando o ervatário indica plantas e receitas, ele exerce um papel terapêutico, que pode ser tão espiritual como médico, sendo ambos aplicados por um especialista, embora somente um seja reconhecido pela medicina ocidental. Entretanto, o papel de ervatário nem sempre abrangia o de curandeiro. Apesar de alguns fregueses perguntarem que produto havia para uma ou outra moléstia, um número igual ou maior estava a procura de itens específicos, aproveitando a feira meramente como fornecedora de material, não como lugar de consulta. Ao contrário desta observação, na pesquisa de Loyola (1983), os moradores de um bairro pobre em Nova Iguaçu utilizavam os ervatários como se fossem médicos, mesmo tendo de ir ao centro do município para ter acesso aos seus serviços. Ademais, em sua pesquisa, os ervatários se conceberam de uma forma não observada no trabalho na Tijuca, como exemplifica esta citação de Loyola:

Embora seus produtos sejam dirigidos ao comércio, o erveiro [ervatário] não se define como um comerciante, mas como um produtor ou, melhor ainda, como um criador, espécie de artista, que, dotado de conhecimentos específicos, é capaz, como um músico, de combinar os elementos necessários para compor uma harmonia. (LOYOLA, 1983, p. 41).

Mesmo não se descrevendo como sendo presenteados com um “dom”, os ervatários acreditam no seu conhecimento e nas plantas, utilizando-as no tratamento de si mesmos e de seus familiares. As

populações semirrurais ou das desprivilegiadas áreas urbanas – para quem a falta de hospitais, médicos e até farmácias, torna a utilização dos recursos vegetais uma necessidade – adquiriram a prática no cotidiano. Isso é uma situação distinta ao uso das plantas praticado pelos tijucanos, que, mesmo sabendo o nome de algumas plantas, frequentemente não reconheciam a espécie. Em parte, os ervatários atuam como ponte entre estes dois mundos, difundindo o seu conhecimento entre pessoas, sem esta tradição, que procuram saber.

Não cabia a esta pesquisa tentar definir com exatidão a interação de conhecimentos na feira, nem a possível influência da instrução de um dos participantes, mas acrescenta-se aqui a observação de Camargo (1998, p. 194):

Como todos os fenômenos sociais sofrem a influência indireta dos meios de comunicação e intelectualizados, tais como escolas, igrejas, jornais, rádio, televisão etc., o mesmo acontece com a medicina popular. Aí está a razão de uma série de modificações ocorridas com respeito ao uso e ao preparo dos remédios caseiros.

Na compra e venda de ervas medicinais, podemos perceber que as práticas econômicas são inerentemente sociais. As vendas ocorrem porque um certo valor é atribuído às crenças em face do seu propósito e eficácia, e em razão do peso social da importância destes. “Commodities são coisas com um tipo específico de potencial social”, segundo Appadurai (1986, p. 6). As plantas, e o conhecimento delas, se tornam *commodities* porque podem ser trocadas por alguma outra coisa. “A troca econômica gera valor. O valor é materializado nos commodities que são trocados” e isso significa que não trocamos as coisas porque têm valor mas as coisas têm valor porque são trocadas.<sup>1</sup>

Diversas influências estão em jogo na feira que afetam a autenticidade e o valor dado aos ervatários e seu conhecimento. Algumas estão relacionadas à medicina popular, outras às tradições religiosas trazidas da África. Historicamente, as plantas, seus usos, seus preparos e nomes refletem o conhecimento botânico e as curas da Europa colonizadora, misturado com o conhecimento dos grupos indígenas e as tradições e os idiomas dos escravos africanos. Tal

combinação produz a medicina popular na forma que encontramos na feira; as pessoas que compram as ervas utilizam a medicina popular por várias razões. Para os aposentados que vivem de uma renda fixa reduzida, a compra das ervas para fazer remédios caseiros, como xarope para tosse ou pomada para artrite, se torna mais econômica do que comprar remédios industrializados. Para outros, tais tratamentos são preferíveis por serem vistos como sendo mais naturais e, para eles, o vínculo com a natureza é visto de uma maneira positiva. Alguns fazem seus próprios remédios porque suas mães ou avós também os faziam. Para outros, os preparos de ervas são a última esperança após a ineficácia da biomedicina.

Embora a medicina popular tenha as suas raízes na tradição, a escolha de usá-la, sua autenticidade e as práticas no cotidiano são inevitavelmente influenciadas pela apresentação pela mídia da etnobotânica, que, por sua vez, reflete a pesquisa e os discursos nacionais e internacionais sobre a etnobotânica. Por exemplo, após uma série de artigos e uma reportagem apresentada na televisão sobre um frei que promovia o aloe vera para prevenir e tratar o câncer, houve uma forte demanda na feira pela babosa. Mesmo depois de passados alguns anos, os fregueses citavam tal uso como a razão da sua compra.

Tradicionalmente as espécies precisavam ser colhidas conforme instruções tradicionais, por uma pessoa designada e para uso logo em seguida. Entretanto, tal procedimento não é viável para muitos que moram no ambiente urbano. A compra de espécies para o uso nas cerimônias da candomblé e da umbanda que já acontecem a mais de trinta anos na Bahia, berço da cultura afro-brasileira, foi frequentemente vista na feira. Para os devotos que compram plantas, o conhecimento e o trabalho dos ervatários substituíram alguém em um papel tradicional e isto garante aos ervatários um certo respeito e poder.

As práticas socioeconômicas ligadas à valorização das plantas e o conhecimento delas inevitavelmente envolvem o poder. Como foi demonstrado na análise das valorizações sociais em relação ao *status de commodity* das plantas e do conhecimento a elas associado,



os processos históricos de poder também afetam aspectos múltiplos da medicina popular e o papel exercido pelos ervatários.

Michel Foucault sugeriu que uma vez que há

[...] uma administração de conhecimento, uma política de conhecimento, relações de poder que passam pelo conhecimento, e que, se trata-se de transcrevê-los, leva à consideração de formas de dominação designadas por tais noções como campo, região e território. (FOUCAULT, 1980, p. 70).

Embora a divisão de conhecimento em campos, regiões e territórios possa ser usada de forma repressiva, existe também uma alternativa. A feira funciona como um lugar onde os ervatários resistem às estruturas atuais de classe e cor de pele, e lhes oferece espaço para a renegociação das relações dominantes de poder.

Os ervatários descreveram sua profissão, que lhes dá uma renda líquida de somente dois salários mínimos, como uma escolha que lhes proporciona individualidade e independência. Eles sentiam que suas atividades lhes permite uma segurança razoável e uma posição econômica digna, e não queriam ser empregadas ou faxineiras, embora isto pudesse resultar em uma renda mais alta. O ofício de ervatário requer uma prática: eles colheram as mercadorias pessoalmente, e seu conhecimento é um tipo de poder reforçado pelo ato de selecionar uma espécie solicitada dentre o emaranhado de plantas no tabuleiro. O domínio dos ervatários com relação às plantas lhes garante um respeito e uma autoridade intelectual, um contato diferente da violência e da violação que caracteriza a interação entre classes no Rio.

Os ervatários são ocasionalmente céticos com relação àqueles fregueses que têm noções idealísticas da medicina tradicional ou natural. Expressavam ambivalência sobre seu próprio ofício, titubeando com relação à biomedicina. Faziam xaropes, tônicas, compressas e pomadas para si e seus familiares, mas descreveram tais práticas como “dando um jeito” ou “medicina de pobre”. Uma ervatária disse que talvez preferisse levar seu filho ao médico quando adoecia, mas isso implicaria em um dia de longas filas, descaso dos

burocratas e inevitáveis despesas, então nem sempre isso era possível.

Entretanto, como grupo exprimia sua preferência pela independência e a flexibilidade que lhes proporcionava o fato de serem ervatários. Trabalhar na feira significa acordar cedo, mas apenas duas a quatro vezes por semana, e a coleta de ervas poderia ser feita de acordo com sua disponibilidade de tempo sem estar sujeito a um patrão. Quando uma criança adoce, o ervatário pode trocar o dia do trabalho, atuando em alguma outra feira desde que tenha os contatos pessoais necessários na localidade. As crianças também podem ser trazidas para a feira, para ficar sobre a supervisão do pai ou da mãe. Isto era um hábito muito comum entre os ervatários, tanto masculinos quanto femininos, especialmente durante o período de férias escolares.

Algumas formas de conduta também podem ser interpretadas como exercício de independência e atos de resistência às expectativas de comportamento normativo. Embora não necessariamente amigos íntimos, os ervatários geralmente se apoiam mutuamente. Competindo tecnicamente para conquistar fregueses, apresentam uma frente unida ao público, sempre indo buscar uma erva solicitada do tabuleiro de outro ervatário e depois repassando o dinheiro, em vez de mandar o freguês procurar com outro vendedor. Eles também desafiam as definições de comportamentos sociais apropriados, começando a beber cerveja entre 9 e 10 horas da manhã. Tendo começado seu dia por volta das 3 da manhã, aquela hora já era para eles o meio do dia. E quando não estavam conversando com seus fregueses, mantinham comentários francos e brincalhões sobre o mundo em volta, relações entre outros vendedores da feira e suas próprias vidas.

O papel dos ervatários também pode ser visto como fazendo um apelo aos estereótipos da relação dos negros à floresta exótica ou ao mundo tumultuado dos espíritos. A necessidade de atrair fregueses – que são de classe média ou idosos que eram de classe média mas que perderam o poder aquisitivo – e fazer vendas, acarreta no comportamento subserviente. Embora vender ervas tenha valor como profissão autônoma, não proporciona uma vida fácil e

problemas relacionados ao poder, especialmente para as mulheres, surgiram repetidamente durante a pesquisa. Dos quatro ervatários, a que faltava com mais frequência relacionava a sua ausência a necessidade de cuidar dos filhos, especialmente um de saúde frágil. Para todas as mulheres, a independência ficava comprometida pela necessidade de uma companhia masculina nas expedições para colheita de ervas. Os remanescentes da Mata Atlântica onde as plantas são encontradas eram locais isolados que as ervatárias consideravam arriscados para uma incursão desacompanhada devido ao risco de estupro, e por causa dos cadáveres ocasionalmente ali encontrados. Esta independência também era problemática em relacionamentos pessoais. Em uma visita posterior, em 2003, uma ervatária tinha parado de vender plantas, depois de 13 anos na profissão. Os outros ervatários disseram que ela tivera problema com o marido que fazia objeções às expedições para a colheita de planta e a prolongada ausência proveniente do tipo de trabalho.

## **Conclusão**

Apesar destes impedimentos, o mercado exerce um papel vital, de fato, um tipo de patrimônio, que enriquece a vida social e econômica dos ervatários e seus fregueses. Entretanto, as interações não estão limitadas a tais características, mas abrangem ao meio ambiente ecológico e social mais amplo. Alguns aspectos da coleta e venda de plantas na feira não foram analisados aqui e serão apenas mencionados. O grande número de espécies vendidas na feira, se levarmos em conta as 182 feiras semanais do Rio de Janeiro, indicaria que a colheita dos ervatários pode ter um impacto ambiental significativo. No que diz respeito ao uso medicinal das ervas, muitas das espécies e seus efeitos são bem conhecidos. Nas plantas pesquisadas, entretanto, o nome popular na literatura da espécie coletada nem sempre correspondia ao nome popular citado pelos ervatários. As pessoas usavam as plantas em preparos tradicionais, mas sem saber reconhecer as espécies e isso pode levar à possibilidade de uso incorreto. Conforme sugerido por último, há

uma modificação contínua da sabedoria e das práticas em relação às plantas e a procura por elas. Existem flutuações no acolhimento popular da biomedicina ou dos tratamentos chamados “naturais”. Os ervatários e seus fregueses refletem tais fluxos em conhecimento e importância, bem como a sua continuidade.

## Nota

\* Pesquisadora do Centro de Futuros Biológicos, Fred Hutchinson Cancer Research Center, e afiliada ao corpo docente do Departamento de Antropologia da Universidade de Washington. Sua pesquisa enfoca a segurança e a governança de vida, em domínios tais como o policiamento, as drogas, a política, a saúde global e as mudanças climáticas.

Meg Stalcup is a research fellow at the Center for Biological Futures, Fred Hutchinson Cancer Research Center, and affiliate faculty in the Department of Anthropology, University of Washington. Her research concerns security and the governance of life, in domains such as policing, drugs, policy, global health, and climate change.

## Referências

AMOROZO, M. C. M. A abordagem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais. In: DI STASI, L. C. (Org.). **Plantas medicinais arte e ciência: um guia de estudo interdisciplinar**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1996. p. 47-68.

APPADURAI, A. Introduction: commodities and the politics of value. In: \_\_\_\_\_ (Ed.). **The Social Life of Things: Commodities in Cultural Perspective**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

BARROS, J. F. P. **O segredo das folhas**. Rio de Janeiro: Pallas, 1993.

BASTIDE, R. **Estudos afro-brasileiros**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

BOURDIEU, P. **Outline of a theory of practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.

CAMARGO, M. T. L. **Plantas Medicinais e de Rituais Afro-Brasileiros**. São Paulo: ALMED, 1988.

\_\_\_\_\_. **Plantas Medicinais e de Rituais Afro-Brasileiros: Estudo Etnofarmacobotânico**. São Paulo: Ícone, 1998.

CALVELLI, H. G. Um olhar antropológico sobre as benzedeadas, cartomantes e videntes na Zona da Mata mineira. **Revista de C. Humanas**, Viçosa, v. 11, n. 2, p. 359-373, jul./dez. 2011.

CASCUDO, L. C. **O que é preciso saber sobre Mercados e Feiras Livres**. Rio de Janeiro: Perspectiva, 1982.

DI STASI, L. C. **Plantas Mediciniais: Arte e Ciência – Um Guia de Estudo Interdisciplinar**. São Paulo: Ed. Unesp, 1995.

FOUCAULT, M. **Power/Knowledge: Selected Interviews and Other Writings: 1972-1977**. New York: Harvester Press, 1980.

Fundo Monetário Internacional. **World Economic Outlook Database**. Nominal GDP list of countries. Dados para o ano de 2011. 2012. Disponível em: <[www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2012/01/weodata/index.aspx](http://www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2012/01/weodata/index.aspx)>. Acesso em: 21 abr. 2012.

GREENFIELD, S. M. The return of Dr. Fritz: spiritist healing and patronage networks in urban industrial Brazil. **Social Science and Medicine**, v. 24, n. 12, p. 1095-1108, 1987.

IMBIRIBA, L. E. Era uma vez... **Jornal O Quarteirão**, ano 1, n. 4, set. 1999a.

\_\_\_\_\_. Era uma vez... **Jornal O Quarteirão**, ano 1, n. 5, out. 1999b.

LOYOLA, M. A. **Médicos e Curandeiros**. São Paulo: DIFEL, 1984.

MENEZES, P. D. C. **Trilhas do Rio**. Rio de Janeiro: Salamandra, 1996.

NERY, Vanda Cunha. Rezas, Crenças, Simpatias e Benzeções: costumes e tradições do ritual de cura pela fé. In: Encontro dos Núcleos de Pesquisas da Intercom, 6., 2006, Brasília. **Anais...** Brasília: UnB, 2006.

SILVA O. J. **Ervas: raízes africanas**. Rio de Janeiro: Pallas, 1993.

STALCUP, M. **Plantas de uso medicinal ou ritual numa feira livre no Rio de Janeiro, Brasil**. 2000. 202 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Biológicas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio

de Janeiro, 2000.

VARELLA, J. S. C. **Ervas Sagradas na Umbanda**. Rio de Janeiro: Espiritualista, 1973.

VELOSO, C. **Verdade Tropical**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

WEISE, C. ONG questiona preços, remédios e publicidade de grupos farmacêuticos no Brasil. **Detsche Well**, 29 nov. 2012. Disponível em: <<http://dw.de/p/16sSY>>. Acesso em: 5 fev. 2013.

Recebido em 06 de fevereiro de 2013.

Aprovado em 15 de maio de 2013.

## **Abstract**

This article discusses the ethnobotanical patrimony of urban markets, drawing on a study conducted in Tijuca, Rio de Janeiro. Over two years of fieldwork with four vendors averaging 15 years market experience, plant specimens and data were collected on common names, origin, uses and preparations of folk remedies. The result was 151 species distributed among 59 families, of diverse origins: bought from a third party, cultivated in the herb vendors' gardens, spontaneous on degraded land near the vendors' homes, and collected from the Atlantic rainforest typical of Brazilian coastal areas (40%). An analysis is presented of the role of the herb vendors in the health and religious life of the neighborhood, the knowledge of the vendors and the collection of plants from the Atlantic coastal rainforest.

**Keywords:** Urban markets. Ethnobotany. Religion.